

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA (INHIS)

MARIANA PINHAL COSTA

“EU QUE TE BENZO, DEUS QUE TE SARE”: SABERES E PRÁTICAS DE
BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE TUPACIGUARA-MG

UBERLÂNDIA

2023

MARIANA PINHAL COSTA

**“EU QUE TE BENZO, DEUS QUE TE SARE”:
SABERES E PRÁTICAS DE
BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE TUPACIGUARA-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em História pelo Instituto de História (INHIS).
Essa pesquisa acompanha vídeo documentário.



<https://youtu.be/cpz0TgiRQoE>

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iara Toscano Correia

UBERLÂNDIA

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Maria Alves da Silva, minha avó materna, embora não esteja mais entre nós. Essa mulher de muita força fez e faz parte da minha trajetória, foi ela que sempre me incentivou a seguir meus objetivos e acima de tudo ser feliz com as minhas escolhas. Em uma dessas conversas sobre o futuro ela me disse que gostaria de ser professora e eu encaro o meu amor por licenciatura como maneira viva de fazê-la estar presente na minha decisão. Ela esteve no início dessa jornada e com certeza estará aqui na conclusão dessa etapa.

À benzedeira Eloiza Aparecida Borges meus sinceros agradecimentos por toda a colaboração ao abrir as portas de sua casa e nos receber com tanto carinho. Obrigada Maria Vieira Costa, minha avó paterna, por acreditar nessa pesquisa e contribuir imensamente para que pudéssemos descortinar o universo da benzeção e a importância dele em sua vida. Você sempre vai ser a mulher cheia de potência que me ensina a cada dia sobre a fé e o amor.

Agradeço à minha família, meus pais, irmã e noivo por me apoiarem nesse percurso da produção desse trabalho e me encorajarem a seguir meu coração e sonhos. Com vocês ao meu lado, as adversidades são pequenas e as felicidades se multiplicam.

Agradeço à Profa. Dra. Iara Toscano Correia, minha orientadora, por todo suporte e incentivo. Me inspiro em você e agradeço por todas as considerações, pontuações e melhorias. Deixo meu carinho e afeto, caminharemos juntas nessa jornada em prol da valorização das tradições e memórias.

À minha amada santinha, Nossa Senhora Aparecida e a todos os amigos de luz, obrigada pela proteção e orientação. A jornada da vida tendo o suporte espiritual de vocês, é mais harmoniosa e afável.

Aos meus amigos, o apoio de vocês sempre foi e será essencial. Sei que com vocês os momentos ficam maravilhosos e divertidos, então agradeço por todo o amor e amparo durante minha graduação e vida.

Quero também deixar nesse espaço, um agradecimento especial à empresa parceira Matheusr.art. Através dela, tivemos todo o aparato técnico, como câmera, microfone, tripé e iluminação, como também o essencial apoio na edição do documentário, desde a costura das cenas, à estabilização e tratamento de cor das imagens. Graças a você, Matheus Rezende, e de todo seu empenho e disposição em nos ajudar nessa pesquisa e produção do documentário, chegamos a esse resultado permeado de emoções, além de visualmente impecável.

RESUMO

Esse artigo tem o objetivo de explicitar e mostrar o caminho percorrido para a produção do vídeo documentário “Eu que te benzo, Deus que te sare”, que narra as ervas, rezas, chás, símbolos e significados que permeiam o universo da benzeção no município de Tupaciguara-MG. Tenciona descortinar quem são as benzedeadas e a importância dessa temática para o Ensino de História. Pretende-se explicar o processo de levantamento bibliográfico, escolha das entrevistadas, gravação e edição das imagens. Além de destacar a relação estabelecida entre o estudo da História Local e suas tradições culturais ao trabalho docente, ao passo que o documentário sobre esse saber ancestral é um potente produto pedagógico a ser utilizado pelos professores e professoras para gerar reflexões e contribuir para a formação crítica dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de História, Benzedeadas, Documentário.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. Das raízes das ervas e das rezas	8
3. A benzeção nos interiores	13
4. Dos quintais às salas de aula	15
5. Considerações finais:.....	20
6. REFERÊNCIAS	21
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

“EU QUE TE BENZO DEUS QUE TE SARE”: SABERES E PRÁTICAS DE BENZEDEIRAS NO MUNICÍPIO DE TUPACIGUARA-MG.

1. INTRODUÇÃO

“Pai nosso que estás no céu”. “Creio em Deus pai todo poderoso”. “Eu que te benzo, Deus que te sare.” “Em nome do pai, do filho, do Espírito Santo.” Quem nasceu no interior do Brasil, certamente já ouviu alguma dessas orações professadas enquanto uma mulher colocava a mão sobre sua cabeça. As benzedeadas estão presentes na infância, juventude e velhice de diversos brasileiros: mães levam seus filhos quando o choro não cessa, mulheres e homens com feridas que nem pomadas são capazes de aliviar, fazendeiros que perdem suas criações para as cobras, gente que sente uma “ruindade” que não passa e não há remédio que cure essa incômoda energia.

Muito se sente e vivencia nestes terreiros, jardins, casas e quintais. A partir dessa inquietante e mística prática e da identificação íntima que as benzedeadas causam no imaginário popular de um local, o presente artigo tem a intenção de apresentar o aparato metodológico e conceitual que foi utilizado para a produção do documentário “‘Eu que te benzo, Deus que te sare’: saberes e práticas de benzedeadas no município de Tupaciguara-MG”. Essa produção de caráter pedagógico tem o propósito de ser utilizada nas salas de aula do Ensino de História.

O objetivo do referido documentário é levar a professores e estudantes da rede básica de ensino o universo da benzeção, sob a perspectiva das benzedeadas. Nossa intenção ao produzir esse vídeo documental, é explorar a maneira como elas narram suas histórias, praticam suas rezas, as relações com as religiões institucionalizadas, tais como a Igreja Católica e o Espiritismo Kardecista, o poder curativo das ervas e chás, os rituais de benzeção e como elas lidam com sua missão no cotidiano. Além de entender a maneira como se enxergam no contexto social de Tupaciguara- MG.

Para descortinar o universo das benzedeadas foi preciso reunir uma base teórica para nossa pesquisa, assim, partimos de um levantamento bibliográfico que desse fundamentação histórica e teórica para o vídeo documental. Dentre os campos historiográficos possíveis, nos apoiamos e utilizamos autores como Michael Pollak, Peter Burke, Sandra Pesavento, Elda Rizzo Oliveira e Alessandro Portelli. Em Pollak analisamos as relações entre memória e identidade como mecanismos para compreensão das dinâmicas da comunidade das benzedeadas, Pesavento e Burke nos introduz e confere sentido ao campo da História Cultural, Oliveira

destrincha o universo da benzeção, seus símbolos e significados e Portelli abre possibilidades sobre a História Oral como importante ferramenta de pesquisa.

Dado esse contexto, ressaltamos que a pesquisa não seria possível sem a participação das mulheres que abriram as portas de suas casas para que pudéssemos conhecer melhor suas tradições e as dinâmicas que a benzeção exerce em suas vidas privada e social. Foram entrevistadas, Eloiza Aparecida Borges e Maria Vieira Costa, residentes e atuantes em Tupaciguara. A primeira nasceu em Douradinho-MG, em 27 de setembro do ano de 1954, mas veio para o município com treze anos, apesar de ter mudado da cidade e retornado novamente tempos depois. Durante a vida criou seus filhos, conciliando a maternidade com as obrigações financeiras. Aprendeu a benzer ainda menina com seu avô, e nos narra a incrível façanha de ter sido picada vinte e nove vezes por cobras e ao benzer-se conseguiu curar-se e nada lhe aconteceu. Reitera que é preciso ter o dom e cabe ao benzido muita fé.

A senhora Maria Vieira Costa, por sua vez, conheci desde que nasci, minha avó paterna e benzedeira desde que seu pai Querubino Vicente Ferreira, renomado benzedor, cujos poderes foram enviados à Uberaba e Mato Grosso para curar enfermos, a ensinou sobre as tradições da benzeção. Nascida em 20 de agosto de 1935, hoje com oitenta e sete anos, sempre morou em Tupaciguara. Cuida de seu quintal, vasto em plantas, flores, ervas medicinais e frutas, atendendo ao chamado daqueles que aparecem em sua porta. Apesar de ter se afastado da rotina agitada de uma benzedeira, ainda tem seu alpendre repleto de cadeiras e poltronas, indicando que ainda estará lá caso precisem de seu cuidado. Mãe de três filhos e viúva, vive uma vida católica e tranquila ao lado de seu irmão Rosino Lopes Cansado. Nos mostrou um pouco de quem é e como funciona sua vida carregando o dom da benzeção.

A ideia de entender melhor esse universo da cura, que sempre fez parte de minha vida, nos levou a buscar na cidade outras mulheres que ainda exerciam essa função. Não foi fácil, porque a maioria daquelas que conhecíamos haviam falecido. À princípio, identificamos três benzedeiros no município de Tupaciguara-MG, sendo que duas delas foram convidadas a participar do vídeo documentário. Produzimos um roteiro para nos orientar durante a gravação, nos apoiamos em referências bibliográficas e na historiografia de autores que pudessem nos dar fundamentos para trabalhar com a temática.

Nesse sentido, apresentaremos a seguir o percurso que vivenciamos para a produção dessa pesquisa e como norteamos as relações entre o resultado do vídeo produzido e a metodologia do Ensino de História, ambas complementares e com a intenção de serem direcionadas às salas de aula. Afinal, compreendemos e analisamos, através da bibliografia de apoio, que o audiovisual, como o documentário, pode ser uma importante ferramenta para

professoras e professores da rede básica de ensino, para que possam explorar temas do cotidiano, estimulando nos estudantes um sentimento de pertencimento e identidade quando apresentados a tradições tão próximas de sua realidade, por exemplo, a prática da benzeção.

Nesse momento também queremos mencionar que apesar do recorte territorial ser na cidade de Tupaciguara, entendemos que a temática ultrapassa os limites regionais. Isso porque quando tratamos de culturas populares transcendemos as demarcações de um só espaço, assim, esse trabalho pode ser utilizado para pensar na benzeção como ampla e diversa, tendo variadas influências e presenças em outras cidades e estados brasileiros.

2. Das raízes das ervas e das rezas

Quando falamos de benzeção, é possível pensar em como as rezas permanecem no cotidiano das benzedadeiras, mesmo que essas representações não estejam registradas de maneira documentada, edificada através de um monumento ou até mesmo condicionada à uma data comemorativa. Michael Pollak (1989), historiador francês, defende a ideia de memória subterrânea que, em termos gerais, são aquelas memórias não oficializadas pelo Estado, mas sim, as produzidas pelo cotidiano, herdadas pelas gerações, preservadas e perpassadas através da História Oral.

Essas memórias, ao passo que resistem às mudanças, tendo uma base cristalizada através das lembranças, também se adaptam aos eventos e por isso são tão complexas. O que podemos entender é que, por mais que as memórias sejam herdadas e incorporadas às experiências de outras gerações, também são afetadas pelo presente, ou seja, são uma resposta aos acontecimentos existentes à sua realidade. Se pudermos associar esses elementos mencionados, é possível, através dessa interpretação, compreender que as memórias são reorganizadas, excluídas ou fixadas a depender de suas utilizações.

O tema aborda as dinâmicas de um grupo social que quase não aparece nos conteúdos de história, nem mesmo quando o assunto é representação cultural ou símbolos que marcam a religião e a história regional. Assim, é interessante pensar como as memórias das benzedadeiras podem ser comuns entre si e ainda se diferenciar em termos de mecanismos da prática. Entretanto, a questão mais intrigante de tudo isso, é analisar como essas lembranças e memórias ainda persistem, resistem e atuam socialmente, apesar dos avanços na medicina, do advento da sociedade da hiper medicação e do apagamento que a memória “oficial” exerce, quando o tema é associar culturas oficializadas que parecem estar em sobreposição às práticas de benzeção.

Outro conceito que podemos pensar ao trabalhar com a História Oral, é o de identidade. A identidade, pode assumir diferentes análises, mas aqui, queremos compreender de que forma ela se relaciona com o conceito de memória. Nesse sentido, podemos entender que identidade social de um indivíduo ou um coletivo, como no caso das benzedeadas enquanto grupo ou agente particular, é construída a partir de alguns elementos, como o sentimento de pertencimento sejam dos corpos ou dos espaços que frequentam. A memória nesse contexto, de acordo com Pollak, entra como “elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1989, p. 204).

Nosso intuito é relacionar esses conceitos ao estudo das benzedeadas. Nesse sentido, quando tratamos de identidade, nos apoiamos nas memórias, que são capazes de estruturar e conferir sentido de unidade e coerência. As entrevistas, ferramenta principal para a coleta dos casos e experiências narradas no documentário, são a chave para acessar essas memórias. O vídeo documentário possibilitou recompor as memórias passadas pelas gerações por meio de rezas e rituais, que servem de base para dar sentido à benzeção e conferir o status de benzedeadas, estabelecendo uma relação de reciprocidade entre o benzedor e benzedo. Assim, nos parece que a memória é capaz de unificar essa atmosfera, oferecendo variadas possibilidades para tratar o tema.

Existe uma memória muito interessante da dona Maria Vieira Costa que merece destaque. Ela narra uma determinada vez em que benzeu uma criança de vento virado, que para ela tem relação com dores no estômago e vômito, a pedido de um médico no hospital. De acordo com ela, seus poderes de cura seriam uma alternativa para curar o pequeno garoto que veio desenganado da cidade de Uberlândia-MG para Tupaciguara. No processo da benzeção teve a ajuda de duas outras benzedeadas e acessando suas memórias, deu detalhes de como o garotinho, através de suas orações e com a ajuda do “doutor”, conseguiu ser salvo daquela situação de quase-morte.

Como já mencionado, optamos pelas inúmeras possibilidades concedidas pelas técnicas da História Oral. Analisamos que suas ferramentas, como, no caso, as entrevistas, que são a base do projeto, são importantes porque “sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”. (PORTELLI, 2012, p. 31). Além disso, através do audiovisual, é possível captar a sonoridade, o compasso, a emoção de quem narra a própria

história e outros significados que não podem ser reproduzidos pela escrita. Sendo possível captar o gesto, a sonoridade e velocidade da fala das entrevistadas.

A História Oral junto às memórias e ao conceito de identidade vão em direção a identificação de um povo a seu lugar e práticas. Isso acontece, porque, à medida que esse universo e memórias são acessadas, é possível compreender a história de um grupo, conferindo-lhes sentimento de pertencimento, a oportunidade de se colocar em seu espaço-tempo através de sua maneira de narrar a própria história e ao ajudá-los nesse percurso de retornar ao passado sob sua perspectiva, mostrar-lhes as possibilidades de construir um futuro que é resultado de suas ações no agora.

Nesse sentido, a cultura é entendida como uma soma de símbolos, signos e elementos construídos e compartilhados por indivíduos a partir de suas percepções sobre suas realidades, em síntese “é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.” (PESAVENTO, 2004, p. 15). A partir do protagonismo assumido pelo conceito de cultura e o interesse de estudá-la dentro de suas manifestações, é nítida a intenção dos variados autores, inclusive nós, em interpretar o mundo, no nosso caso, o mundo da benzeção, através da cultura e seus elementos.

Assim como outros campos, a História Cultural foi influenciada por outras ciências, como a sociologia, e pensada através de variados autores como Roger Chartier, Robert Darnton e Carlo Ginzburg. Partiremos da concepção de que a História é tanto produtora, como produto das experiências, subjetividades, imaginações e sentimentos dos grupos e indivíduos, e que as variadas fontes, como as orais e outros elementos percebidos pelas pesquisas históricas “são como a ponta de um iceberg que aflora e que permite cristalizar algo e atingir outras questões que não se revelam a um primeiro olhar.” (PESAVENTO, 2004, p. 73)

Analisamos e percebemos que, assim como Pollak, Sandra Pesavento confere importância ao conceito de identidade e memória no entendimento das dinâmicas cotidianas e na produção dessas histórias. Isso significa que, de acordo com a autora, para capturar as sensibilidades, subjetividades, características e diferenciações de uma cultura popular é preciso acessar e interpretar suas memórias e identidades. A identidade, ao situar o indivíduo em seu tempo-espaço, pode ser um mecanismo essencial para compreender os detalhes que compõe um grupo e suas práticas, como as benzedeadas. A memória, ao ser uma acepção e reconstrução do passado, permite investigações historiográficas, cruzamentos, descartes e confirmações, que são essenciais no entendimento e estudo das culturas e saberes.

À vista disso, além das excelentes análises e sínteses propostas por Pesavento, que foram essenciais para nos localizarmos dentro da História Cultural, Peter Burke também nos ofereceu um amplo cenário da produção desse campo historiográfico: desde suas transformações, aderindo ou excluindo campos de pesquisa, à autores fundamentais para sua estruturação. Através dele, nos deparamos com as possibilidades e complexidades dessa historiografia. Burke nos revela conceitos como identidade e representações, e nos apresenta os variados campos que podem surgir a partir da História Cultural, como história dos corpos, história cultural da linguagem, história cultural das percepções, história cultural das violências e outros. Seu livro “O que é História Cultural?” de 2004 foi importante para nos nortear dentro das reflexões teóricas e historiográficas no panorama da História Cultural.

Para além das reflexões apoiadas pelos autores, é importante destacar o espaço essencial das práticas da benzeção em um lugar que, durante muito tempo, não contou com a assistência médica. Sendo as ervas, os chás, os gestos e palavras pronunciadas por essas benzedadeiras as únicas formas de curar os males e mantê-los afastados. Como narra Eloiza Aparecida Borges, seu primeiro contato com a cura foi através de uma picada de cobra e desde então aprendeu as palavras certas para se livrar do veneno

“dessa vez pra frente que eu continuei benzendo depois, logo uns dias pra frente um cascabui me pegou também, eu correndo atrás de um frango, pegou do outro lado do meu pé, eu só fiz as orações e não teve nada não doeu, não inchou nem nada e daí pra cá ele vem só pegando, até quando eu contei era 29 cobra que me picou até cascavel já me picou e não teve nada.” (Borges, 2023)

Para a produção do documentário foi preciso, em primeiro momento, uma conversa anterior às gravações com as benzedadeiras Eloiza Aparecida Borges e Maria Vieira Costa, para que pudéssemos apresentar a nossa proposta, escutar suas histórias e planejar maneiras confortáveis para que pudessem narrar as próprias experiências. Partindo desse contato, elaboramos um roteiro que pudesse nos guiar e orientar o método que usaríamos, nele nos propusemos a responder as seguintes questões “Sobre o que é o tema?”, “Do que estou tratando?”, “O que pretendo mostrar?”, “Que história eu escolho contar?”, “Como vou fazer?”, “Como vou abordar o tema?”, além de elaborar uma estrutura prévia em relação aos equipamentos como câmera, suporte, iluminação, captação de áudio e também os possíveis cenários para a captação de imagem.

A partir disso, marcamos os dias para gravação sendo eles 18 e 19 de fevereiro de 2023. Dona Eloiza nos recebeu de forma aconchegante, transmitindo muito conforto e colaboração para que tudo acontecesse de maneira leve e divertida. Nos apresentou com mais calma a sua

rotina, casa, vizinhos e marido, escolhendo a roupa, penteado e cadeira que se sentiria mais confortável para conversar com a câmera. Percebemos que ela não se sentiu acuada ou envergonhada pela plateia que atentamente ouvia suas histórias, pelo contrário, nos forneceu inúmeros detalhes, contando de acordo com suas memórias e escolhendo aquilo que mais queria falar. Rimos, nos emocionamos, arrepiamos e ainda fomos presenteados com a benzeção de mau olhado ao final da gravação.

Dona Maria, com seu jeito divertido, espontâneo e acolhedor nos permitiu ficar imersos nas suas explicações sobre o quintal que é tão importante para sua dinâmica cotidiana. Como quase toda vó, nos ofereceu café e biscoito, e por mais que não tivéssemos fome no momento, foi difícil recusar. Ela, que adora contar histórias, achou que não conseguiria falar diante da câmera, mas no final, com muita tranquilidade e cheia de causos, foi se sentindo cada vez mais à vontade para narrar as suas vivências. Pôde lembrar de seu pai, grande benzedor, da promoção de seus milagres e curas, de sua religiosidade e de seu contato com o divino. Foi impossível não se emocionar ao ouvir que em seus oitenta e sete anos ainda se sente jovem, sua energia e afeto foram essenciais para dar sentido à sua voz e suas rezas.

Após a captação dos áudios e vídeos, foi preciso um tempo para revisar cada bloco de perguntas e respostas para que pudéssemos analisar e anotar os principais pontos e como cada uma das benzedoras divergiam e convergiam entre si. Cada entrevista resultou em média 30 a 40 minutos, mas como precisávamos condensá-las a um vídeo final de 20 a 25 minutos, foram necessárias várias revisões para escolher as cenas e assuntos que seriam abordados. Essa parte representa quais narrativas e informações focamos em pesquisar na parte teórica, queríamos ouvir o que elas tinham para contar em relação aos seus rituais, rezas, ervas, significados e símbolos. Com tantas informações foi difícil fazer a seleção das cenas e definir a ordem em que suas falas seriam apresentadas, em alguns momentos eram complementares e em outros discrepantes, e foi nessa dualidade que encontramos brechas para provocar o espectador e mostrar como as memórias e percepções sobre um mesmo tema, podem variar de acordo com a experiência do indivíduo, ou até mesmo serem parecidas.

Para a montagem, também foram precisas cenas denominadas “B-roll”, que são takes complementares ou alternativos ao principal, para dinamizar o vídeo e romper com a monotonia das entrevistas que foram feitas em um único cenário. Optamos por usar essa ferramenta, somada ao revezamento dos depoimentos, ora Eloiza Aparecida Borges, ora Maria Vieira Costa. Outro aspecto que utilizamos para transmitir sensibilidade e auxiliar na imersão ao tema, foram as trilhas sonoras, das quais temos autorização e licença para veiculação. Propusemos utilizá-las de forma coerente e que desse sentido à nossa proposta.

Por fim, apoiamos em ferramentas de programas de edição de vídeo para produzir efeitos, transições, fontes das letras, coloração, melhoria de imagem e estabilização das filmagens. Aqui reforçamos a parceria com a empresa Matheusr.art em todo o percurso desde a captação à edição do documentário, através dessa colaboração foi possível a entrega do produto. Cada detalhe foi refletido e debatido para uma composição harmoniosa e que conseguisse transmitir e narrar as histórias de benzeção que contemplem a identidade dessas mulheres seus saberes e práticas curativas e místicas que fazem parte da História Cultural e Regional do município de Tupaciguara-MG.

3. A benzeção nos interiores

“Inúmeras são as histórias que se encontram dentro das histórias de Tupaciguara.” (MOURA, 2009, p 79). Quando tratamos da historiografia do município de Tupaciguara nos deparamos com a falta de produções acadêmicas sobre as temáticas locais. Reuni, portanto, algumas monografias sobre diferentes abordagens que nos forneceram dados, informações e reflexões, até mesmo algumas que tentaram responder essa questão tão delicada: Por que escrevemos pouco sobre a História tupaciguarense? Muitas são as possibilidades, mas poucos são os trabalhos.

Partindo das reflexões agrupadas pelos historiadores Muriel Costa de Moura e Renia Liliane Ferreira em suas monografias de conclusão da graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), levantaremos questões que acreditamos ser importantes para a compreensão do documentário e da atmosfera local em que essas histórias são narradas. A começar, Tupaciguara é um município localizado em Minas Gerais de acordo com o censo do IBGE de 2010, contava com 24.188 habitantes. Vivenciou um período de crescimento comercial, cultural e social entre os anos de 1920 e 1960, porém “após a década de 1970, a cidade entrou em um período de descrédito” (MOURA, 2009, p. 79). E atualmente, apesar dos avanços tecnológicos, ainda é tipicamente rural.

Muriel Costa de Moura em sua monografia “Olhares sobre Tupaciguara (1920–1960): de sonho rural a ideal de progresso” nos oferece um panorama sobre o município e como sua construção arquitetônica, cultural, social, econômica e o sonho moderno de desenvolvimento foram decisivos para formatar a cidade. Moura busca analisar como a chegada de imigrantes, o comércio, as novas tecnologias de comunicação, como o rádio, e o cinema influenciaram as mudanças urbanas, culturais e econômicas da cidade. Moura usufrui dos relatos orais, fotografias, documentos retirados do Arquivo Público Municipal Alberto Vieira Alves e um

filme “Tupaciguara: Terra da Mãe de Deus” produzido em 1960 pela Metr pole Filmes do Brasil, para fundamentar sua pesquisa, nos oferecendo uma grande riqueza de detalhes sobre a ambientação da cidade.

Essa pesquisa é interessante para ressaltarmos variados pontos. Por tr s de um município que aparenta ser mais um, entre tantos outros interiores de Minas Gerais, Tupaciguara está carregada por histórias, que podem ser observadas na constru o das praças, na arquitetura, através dos relatos e documentos ainda inexplorados. Nos aponta a presença de elementos do passado, como o cinema, que não mais existe na cidade, e a partir disso nos sugere mais questionamentos que respostas. Por que Tupaciguara parece ter sido levada em “descrédito”? Como podemos recuperar esse passado a fim de retomar e ressignificar a história local?   possível, através de temas do cotidiano, entender a nossa própria História? Como Moura encerra “Esta é uma pequena semente para a germina o de a oes em prol da preserva o e do resgate da história de Tupaciguara.” (” (MOURA, 2009, p 83), pensamos, assim como ele, que nosso documentário também pode ser uma provoca o para novos estudos sobre a cidade.

Renia Ferreira, em sua monografia “Histórias de mulheres trabalhadoras em Tupaciguara – MG.”, assim como Muriel Costa de Moura, utiliza as fontes orais para compreender Tupaciguara, mas em sua particularidade, se propõe a analisar a rela o das mulheres tupaciguarenses que migraram do campo para a cidade em 1970 e 1980. Assim como nós, Renia optou por trabalhar sujeitos por muito tempo subalternizados pela História, as mulheres, afinal, são “sujeitos reais que vivem, interpretam mudanças históricas, no trabalhar, viver, sonhar e frustrar-se, na cidade.” (FERREIRA, 2008, p. 9)

Quando relata o cenário de Tupaciguara oferece os mesmos detalhes que já mencionamos, entendendo a cidade como pequena e com grande presença da agricultura, cita a beleza das praças e nos leva a conhecer as ruas principais da cidade, como a Bueno Brandão, que é cercada por lojas e desempenha o papel de centro comercial. Em termos gerais, encontra na História Oral a possibilidade de compreender as lutas, estratégias e identidades de mulheres trabalhadoras. Além de exemplificar a oportunidade e viabilidade de trabalhar temas que consigam nos dar mais detalhes sobre diferentes grupos que existem dentro de Tupaciguara e sua importância para a História Regional e a provoca o do sentimento de pertencimento.

Dado esse cenário, queremos indicar que as fontes documentadas que relatam a existência das benzedadeiras ou suas atua oes no município não foram encontradas por nós, então, as fontes orais acessadas pela memória são importantes recursos para trabalhar essa temática. Entendemos e ressaltamos a importância da história dos cotidianos serem inseridas nas salas de

aulas e acessadas pela população através dos meios digitais, o trabalho de preservação dessa riqueza local confere pertencimento aos indivíduos no tempo e espaço, valoriza as tradições, conecta e torna viva as relações entre os moradores. Dito isso, “observando o passado podemos perceber que, não há testemunho sem experiência e, muito menos, experiência sem narração.” (MOURA, 2009, p. 79), as benzedeadas nos oferecem um arsenal de histórias guardadas, carregadas de símbolos e que merecem ser historicizadas e dizíveis.

Concordamos com Macedo, que defende que:

conhecer a História Local é um dos pré-requisitos para se compreender melhor os processos históricos em nível regional, nacional e global, além do que, como veremos adiante, contribui para o fortalecimento das identidades das pessoas para com os lugares onde nasceram/habitam. (MACEDO, 2017, p. 61)

Nesse sentido, as temáticas proporcionadas pela História Local são uma possibilidade interessante para os professores em sala de aula. Afinal, os alunos tupaciguarenses terão acesso a suas próprias histórias, podendo ficar imersos e mais próximos a comunidade em que estão inseridos, pensando a história como variados processos permeados por transformações e não um passado isolado que não tem conexão com a atualidade.

4. Dos quintais às salas de aula

Acreditamos que os muros da academia não devem ser limitantes. Isso significa que a produção historiográfica que estamos desenvolvendo, precisa ser acessível à comunidade, mais especificamente às escolas da rede básica de ensino. A criação e roteirização de um documentário foi a ferramenta mais interessante que encontramos para apresentar a benzedeadas a esses espaços, a fim de proporcionar debates e apontamentos acerca da História Local de Tupaciguara-MG e a necessidade de preservá-la e conhecê-la.

Assim, queremos evidenciar todo o processo necessário para chegarmos a um produto pedagógico, que é o vídeo documentário. A começar, o documentário tem o objetivo de registrar e divulgar a história e a prática das benzedeadas, mulheres que exercem um ofício ancestral e sagrado de cura e proteção. Por meio de depoimentos e imagens, o vídeo mostra como essas benzedeadas realizam seus rituais, quais são os seus saberes e as suas dificuldades, seus casos, e como elas contribuem para a preservação da cultura popular e da memória coletiva. Por isso, é importante mencionar que elas “fazem parte de uma história, de uma cultura e, ao mesmo tempo, de um processo de produção de vida. Somente alcançando esse espaço social onde ele ocorre é que podemos perceber as suas diferenciações simbólicas.” (OLIVEIRA, 1985, p. 69)

Quando pensamos em sala de aula e a relação ensino-aprendizagem, é necessário que exista uma troca entre professores e alunos. Para isso, precisamos superar as antigas concepções do saber centralizado, no qual existe um conhecimento único dominado pelo educador, subordinando as diferenciações culturais, as subjetividades e a personalidade que compõe o trabalho docente. Nesse sentido, o saber escolar ditado por meio de um currículo oficial é confrontado pelos novos estudos que nos mostram que as experiências em sala de aula trazem diferentes possibilidades temáticas e movimentam os conteúdos organizados e excluídos. Enfocam aqueles que são coerentes para determinadas turmas e fazem sentido à cultura escolar, já que se movimentam a partir de pessoas, momentos históricos, culturas e interesses que fazem parte desse conjunto.

Sintetizando,

existem saberes ligados às práticas sociais e linguísticas que não pertencem ao saber acadêmico elaborado pela comunidade científica e que fazem parte da elaboração do saber escolar. O contexto social, as escolhas econômicas ou políticas vão ter grande influência nas opções didáticas. (MONTEIRO, 2001, p. 127).

Dessa forma, cabe ao professor, apropriar-se dos saberes escolares e colocá-los em posição reflexiva e crítica, de modo a fazer sentido para os alunos. Entendemos que o educador vem de uma formação acadêmica específica, mas a prática em sala de aula é fundamental para que ele construa e desconstrua saberes e didáticas que permitam uma melhor relação com ensino-aprendizagem.

Assim, falar da docência em História é entender que ela não é fixa, mas sim um constante movimento de mudanças e adaptações na relação com o currículo, alunos, escola e necessidades do presente,

funciona, assim, nas fronteiras entre espaços e tempos, fronteiras essas que podem (e deveriam) provocar desterritorializações em alunos, professores, saberes e poderes; contribuindo, assim, para trabalhar com as diversidades encontradas, que dialogam em suas práticas e narrativas. (AMORIM, 2019, p. 6)

A docência então, se move através dos afetos e memórias. Afetos quando buscamos afetar o aluno através dos encontros em sala de aula que provocam diferentes sensações, e memórias quando recuperamos e consideramos as vivências trazidas pelos estudantes. Em síntese:

Buscar afetar os alunos, não apenas por via do conhecimento histórico escolar pelo reconhecimento e diálogo com suas memórias e histórias de vida; produzir encontros alegres e potentes nas aulas de História, onde a educação para o tempo e para a diversidade possa ser desenvolvida, marcando as

subjetividades e os corpos de alunos e professores, produzindo momentos marcantes. (AMORIM, 2019, p. 7)

Trazendo essas reflexões à temática das benzedeadas, podemos perceber que estudar essa prática na educação básica, é uma maneira de encontrar dentro dos conteúdos pragmáticos, histórias do cotidiano que estejam em sintonia com a realidade dos alunos. Falar sobre a benzeção é uma maneira de compor um saber que considera os contextos e experiências, que é polido e filtrado pelo professor. Trazer temas da realidade dentro dos debates sobre preservação das tradições, defesa dos conhecimentos populares, valorização dos discentes como produtores de história e importância da cultura para a construção de identidades, é parte desse processo de construção e aplicação desses saberes da experiência docente.

Somado a isso, podemos nos apoiar na conceituação de um passado vivo, isso significa que “não apenas ele insiste no presente, na forma de questões abertas e sensíveis, como também insiste como acontecimento que provoca aprendizagens novas.” (PEREIRA e SEFFNER, 2018, p. 23). Ou seja, o Ensino de História não é um “passar” de fatos, informações e consequências, mas ele nos oferece panoramas que explicam as transformações da sociedade e aqueles elementos de se romperam e outros que ainda se fazem presentes e atualizam-se de acordo com as necessidades do aqui-agora. É através da compreensão de que o estudo de momentos, tradições, etnias, rituais, gêneros etc., é uma constante construção de experiências, aprendendo com o “outro” sobre situações não vivenciadas e conhecendo a própria realidade na identificação com o “outro”, que por vezes, pode ser a influência de quem somos.

Para apoiar os professores na inserção de conteúdos que façam sentido para a sala de aula do município, acreditamos que o documentário é um produto pedagógico ideal para trazer ao Ensino de História os afetos, afinidades, sensibilidades, narrativas e culturas. Entendemos a importância das benzedeadas estarem inseridas através de suas vivências e lembranças dentro das escolas, carregadas de significados e historicizadas em seu tempo-espaço, assim,

A memória precisa ganhar formas para se manter viva. Não basta, no entanto, simplesmente dar formas. É preciso dar significado às formas constituídas. Para ser tratado como “lugar da memória”, esse lugar deve ser reconhecido como tal, seja por um indivíduo, por um grupo social ou por toda uma sociedade: “é preciso ter vontade de memória. (GRACE COSTA, 2022, p. 187)

Assim, reiteramos as imensas perspectivas e oportunidades de trabalhar com a memória e os saberes ancestrais em sala de aula, valorizando essas lembranças e salientando que a História é feita no dia a dia.

Além disso, percebemos que à medida que propomos realizar um documentário, como historiadores e organizadores dessa História Oral, construímos um fio condutor de modo a fazer com que as benzedeadas dialoguem. Isso foi possível através dos efeitos e sentidos proporcionados pelas intervenções de edição em suas narrativas. Assim, quando intercedemos nessas lembranças, construímos e edificamos novos sentidos que permeiam o audiovisual. É importante mencionar aos alunos que as produções têm suas intencionalidades e perspectivas.

Para nortear a utilização no documentário nas salas de aula, preparamos duas tabelas de séries que abrangem o estudo das tradições e memórias, segundo as normas da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Decidimos separar as habilidades em duas tabelas, sendo uma referente ao Ensino Fundamental e outra relacionada ao Novo Ensino Médio:

Série	Unidade Temática	Objetos de conhecimento	Habilidade
1 ° do Ensino Fundamental	Mundo pessoal: meu lugar no mundo	As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade	(EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.
2 ° do Ensino Fundamental	A comunidade e seus registros	A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas	(EF02HI03) Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória.
5 ° do Ensino Fundamental	Registros da história: linguagens e culturas	As tradições orais e a valorização da memória	(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na

			nomeação desses marcos de memória.
--	--	--	------------------------------------

Novo Ensino Médio	Competência	Habilidade
-	<p>COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1:</p> <p>Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.</p>	<p>(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).</p>
-	<p>COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1:</p> <p>Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.</p>	<p>(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.</p>
-	COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1:	<p>(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica,</p>

	<p>Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.</p>	<p>diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.</p>
--	---	--

Essas tabelas indicam quais temáticas podem ser abordadas nas aulas de história do ensino fundamental e médio que podem ser associados ao estudo das benzedadeiras, mas como já mencionado, o trabalho docente está em constante movimento, então cabe ao professor decidir quando apresentá-lo aos alunos. Ademais, é preciso salientar que para a utilização do documentário, é necessária uma metodologia que consiga abrangê-lo e pontuar suas problematizações, de modo a ser uma ferramenta pedagógica, mas esse conceito ficará para pesquisas futuras. Nosso intuito aqui é instigar as novas possibilidades que podem ser adotadas dentro da sala de aula.

5. Considerações finais:

Esse trabalho repleto de sensibilidades e memórias, foi resultado da vontade de valorizar a tradição da benzeção. A importância exercida pelas benzedadeiras pode ser vista por diferentes perspectivas. Esses saberes e práticas conferem sentimento de pertencimento a um coletivo unido pela fé e solidariedade. A benzeção cultiva e é produto de conhecimentos imemoriais, repleto de signos e rituais próprios que seguem preservados há gerações. Essa tradição compactua com a preservação de elementos naturais como plantas e ervas que precisam existir e serem bem cuidadas para a eficácia das orações e os protocolos da benzedeira. Estudar a benzeção é conhecer o município de Tupaciguara-MG e sua história local. É reiterar a necessidade de registrar e proteger as memórias.

Desse modo, ao trazer essas novas narrativas, contadas pelo ponto de vista de quem produz história e faz viver tradições que não são estáticas ao tempo e marcam o cotidiano de Tupaciguara, é possível estimular o aluno, mostrando-lhe que é possível se reconhecer enquanto produtor de cultura e história. A autonomia gerada através da identificação e conhecimento além do conteúdo dominante, permite que o estudante passe a construir e modificar a própria realidade, afinal, a sociedade é dinâmica e a cultura se movimenta pelas ações no presente.

Nessa perspectiva, a adoção de saberes tão antigos, mas novos dentro de sala de aula, são fundamentais para a apresentação de símbolos presentes na comunidade e a valorização do cotidiano, assim, o documentário é uma maneira de introduzir essas novas perspectivas históricas à sala de aula, dando palco e espaço para novas discussões. Além de valorizar as memórias dos idosos, como portadores de saberes ancestrais que são essenciais para a dinâmica de uma comunidade.

Por fim, reiteramos que a benzeção é um processo de produção de vida e permeada por sentidos únicos entre benzedor e benzido. É uma expressão viva da cultura produzida por mulheres e homens em torno da fé, manifestando crenças, princípios e elementos singulares. “A benzeção é veiculada por meio de um profundo respeito pela vida, de uma forte valorização da solidariedade, da defesa da ecologia ao recuperar as plantas saudáveis para produzir curas e pela proximidade nas longas e calorosas conversas” (OLIVEIRA, 1985, p. 99). Portanto, ela existe porque faz sentido para aqueles que compõe e compartilham dessa mesma fé, ela persiste embora os anos corram, ela resiste em torno da necessidade de curar e acolher o outro.

6. REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS

BORGES, Eloiza Aparecida: depoimento [fevereiro: 2023]. Entrevista concedida ao documentário “Eu que te benzo, Deus que te sare: Saberes e práticas de benzedoras no município de Tupaciguara- MG.

COSTA, Maria Vieira: depoimento [fevereiro: 2023]. Entrevista concedida ao documentário “Eu que te benzo, Deus que te sare: Saberes e práticas de benzedoras no município de Tupaciguara- MG.

VÍDEOS

AGÔ minha MÃE: Mulheres de Fé no Triângulo Mineiro. Direção: Nara Sbreebow. Produção: Laura Moreira. Fotografia de Roberto Chacur. Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NcAPApr8Kyk>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MORRO DA CONCEIÇÃO. Direção: Cristiana Grumbach. Produção: Cristiana Grumbach, Ricardo Mehedff. Fotografia de Jacques Cheuiche. Rio de Janeiro: Cris Produtivas, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LbGoGICpmuE>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SERTÃO de dentro: Travessias e veredas em goiás. Direção: VITTO C. Uberlândia: NOTURNA cinematografia, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C6jPrXkosOk>. Acesso em: 19 jun. 2023.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Mariana de Oliveira. Docência em História: entre afetos, histórias e memórias. **In: Encontro Nacional História & Parcerias**, 2., 2019, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH, 2019. 12 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site

BURKE Peter, **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008

DA CUNHA. Lidiane Alves (2012). **Saberes e religiosidades de benzedoras**. Anais Dos Simpósios Da ABHR, 13. Recuperado de <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/565>

ESPIG, Márcia Janete. **O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História**. Canoas, n. 9, nov. 2003

FEITOSA, Cicero Eduardo Teixeira et al... **Uso do audiovisual no ensino de história: desafios e práticas**. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em:

<<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/62919>>. Acesso em: 11/06/2023 20:48

FERREIRA, Renia Liliane. **Histórias de mulheres trabalhadoras em Tupaciguara - MG.** 2008. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

GOMES, N. P. de M. & PEREIRA, E. A. **Assim se benze em Minas Gerais.** Juiz de Fora, Mazza/EDUFJF, 1989.

GRACE COSTA, VIVIANE. **Afetos, Memórias e Narrativas do PIBID HISTÓRIA UFRJ (2011-2014): Uma “Casa Comum” para formação de Professoras?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2022.

LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **História digital: reflexões, experiências e perspectivas.** In: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários.* São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 149-163.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **De como se constrói uma história local: aspectos da produção e da utilização no ensino de história.** In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da (org.). *Reflexões sobre história local e produção de material didático.* Natal: EDUFRN, 2017. p. 57-81.

MELO, C. T. V. de. **O documentário como gênero audiovisual.** *Comunicação & Informação*, Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24168. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores de História: entre saberes e práticas.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007. 262 p.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araújo. **Ensino de História: saberes em lugar de fronteira.** *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, jan./abr. 2011.

MOURA, Muriel Costa de. **Olhares sobre Tupaciguara (1920–1960): de sonho rural a ideal de progresso.** 2009. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé.** Uberlândia: Centro Universitário do Triângulo, 2018.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis.** *Revista História Hoje*, v. 7, n. 13, p. 14-33, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo. Horizonte: Autêntica, 2005

POLLAK, Michael. “**Memória, Esquecimento, Silêncio.**” Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. “**Memória e Identidade Social.**” Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, A.; Janine RIBEIRO, T. M. T., & Ribeiro FENELÓN, R. T. D. (2012). **O QUE FAZ A HISTÓRIA ORAL DIFERENTE**. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 14. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>

SANTOS, F. V. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN**. [dissertação]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2007

SILVA, E. F. F. (2009). **Entre vencedores e vencidos: Reflexões sobre história, memória e censura**. Estação Literária, 4, 15–26. <https://doi.org/10.5433/el.2009v4.e25292>

THOMPSON, Paul. “**História oral e contemporaneidade.**” Traduzido por Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. História Oral, 5, 200